

A IMAGEM DA ÁFRICA NAS MÚSICAS DO MAIS BELO DOS BELOS.

Dandara Sílvia Matos¹

Resumo.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a imagem da África reproduzida nas letras da música do Bloco Afro Ilê Aiyê. Para tal finalidade, utilizo como fonte as músicas produzidas entre os anos de 2000 e 2010, mas precisamente os anos de 2001 (*África ventre fértil do mundo*), 2005 (*Moçambique Vutlari*), 2007 (*Abdijan - Abuja - Harare - Dakar: Ah! Salvador se você fosse assim*), onde o tema voltado para o continente africano está mais presente. As letras utilizadas são da categoria música-tema, a primeira colocada dos anos 2001 e 2005 e a segunda colocada de 2007, no Festival de Música do Ilê Aiyê. Como trabalho inicial, alguns questionamentos são levantados ao se analisar as músicas, algumas inquietações aparecem, respostas que só aparecerão ao fim da pesquisa.

Introdução.

Compreendendo os anos de esquecimentos e violações que veio sofrendo o continente africano em relação a sua História, e a tentativa de seus povos e seus descendentes de reconstruir a mesma, que esse trabalho vem com objetivo de entender como essa reconstrução é feita através das letras das músicas do Bloco Afro Ilê Aiyê. Desde seu primeiro desfile foi possível observar a preocupação do bloco em reconfigurar a História da África e dos negros na diáspora. Foram pesquisadas músicas nas categorias: temas e poesias, no período de 2000 e 2010, canções que contrapõem as imagens estereotipadas do continente africano e dos países, que mostram o valor das culturas dos países africanos, músicas que relatam os desejos e angustias dos descendentes na diáspora na necessidade de buscar sua origem. Ao analisar as letras das músicas é possível perceber como os compositores conseguem inverter a História “mal contada” para uma História de um continente de civilizados e civilizadores, de uma Pátria-Mãe que tem muito a ensinar e educar os restantes dos povos, é visível também nas canções o desejo que seu atual local de origem fosse como os países do continente africano. Ao fim da pesquisa é possível concluir, que o Ilê Aiyê do seu campo de criação, Liberdade – Curuzu consegue replantar no imaginário do negro baiano e brasileiro, através das

letras das suas músicas, a imagem de várias Áfricas, de formar educacional e carnavalesca nos seus desfiles, é interessante perceber como a história é contada sem excessos de utopias e misticismos, mas tentando sempre ser fiel ao tema a ser abordado no ano, sendo como principal interesse não negar por completo a história, porém contar que existe outra África que tentam esconder.

O Ilê Aiyê.

O Ilê Aiyê surgiu em 1º de novembro de 1974, com propósitos políticos-culturais² para os negros brasileiros, principalmente os baianos, em um bairro de maior concentração negra da América Latina. “O surgimento do Ilê Aiyê no carnaval da Bahia de 1975 instaura uma ruptura na grande festa popular brasileira. O bloco autodenomina-se bloco afro, com objetivo principal de narrar a História africana no carnaval.”³. No seu primeiro desfile o bloco cantou músicas que exaltavam a beleza negra, a luta pela reafricanização dos negros, como a composição de Paulinho Camafeu "Que Bloco é esse?".

O jornal A Tarde na sua edição de 12 de fevereiro de 1975⁴ já mostrava a estranheza da sociedade branca em relação ao bloco afro: “Conduzindo cartazes onde se liam inscrições tais como: "Mundo Negro", "Black Power", "Negro para Você", etc., o Bloco Ilê Aiyê, apelidado de "Bloco do Racismo", proporcionou um feio espetáculo neste carnaval.” Através dessa declaração é possível perceber o impacto e a rejeição da sociedade baiana não negra da época. Porém com o passar dos anos a entidade se consolidou. A formação da identidade negra através da construção da imagem de uma pátria mãe, a África, foi se afirmando, e seu principal trabalho de base foram suas músicas, mesmo não sendo veiculado nas rádios ou nas redes de televisões, o Ilê Aiyê atinge uma grande parte da população, baiana, brasileira e até mesmo mundial. Segundo Jonatas Conceição o ensaio é à atividade principal de propagação do repertório dos blocos, pois é através dele que se conhece e mantém contato com as principais músicas daquele ano e dos anos anteriores.

É por esse universo das músicas que passará minha pesquisa, que tem como objetivo entender essa construção da imagem da África nas produções musicais do bloco Ilê Aiyê, no contexto de autoafirmação negra, de aproximação com o continente, numa criação de vínculo fraternal e referencial. Uma vez que, como bem analisa

Moema Augel, o continente de origem é considerado como o seio materno da Grande Mãe.

Entendendo também que depois de todas as práticas racistas sofridas pelos africanos e afrodescendentes desde a escravidão, o Ilê Aiyê tem uma importância muito grande perante essa comunidade negra da diáspora. E suas atividades vão muito além do bloco carnavalesco, hoje, já se tornou uma entidade educacional, voltada socialmente para comunidade negra da cidade de Salvador, na Bahia.

Mesmo com toda essa versatilidade, é no carnaval que acontece a principal atividade da entidade. Que exige uma toda preparação prévia e muito bem coordenada para acontecer. Para se chegar às músicas que embalam o desfile carnavalesco do bloco, existe primeiro a escolha do tema, que pode ser sobre um país, um costume africano, ou referente à diáspora negra. Após esta definição começa o processo de criação da cartilha que vai orientar a produção dos compositores, que pretendem candidatar sua música para o Festival de Música do bloco. Essas músicas são divididas em duas categorias a música poesia e a música tema.

Quando o Ilê Aiyê surgiu trouxe consigo a realidade do problema racial, até então negada pela ideia da democracia racial brasileira, e traz também a afirmação de uma África vitoriosa e glamourosa, que existia antes do colonizador, e que foi aparentemente apagado das nossas memórias, e de uma África atual que não é só “miséria” e que após anos de exploração mostra sua capacidade de se transformar em meio às dificuldades. É essa importância político-cultural que suas músicas trazem e foram estudadas, analisadas e compreendidas.

As Músicas, Processo de Criação, Escolha das Músicas.

É certo afirmar que o Ilê Aiyê reconfigura a forma de se escrever história, não que antes dele, as letras das músicas já não tivessem esse valor cultural e político, mas a configuração que se encontra no Ilê Aiyê é diferente se levar em conta alguns fatores, como as características dos compositores, nem sempre alfabetizados, na sua maioria negra e que consegue modificar o jogo natural de se escrever a história tendo a oportunidade de escrever e reescrever uma história que nunca foi contada, como afirma Risério:

Em regra geral, estas composições celebram o tema – “homenagem” – do ano, cantam amorosamente o próprio Ilê Aiyê (a “negritude lucipotente” – matriz do carnaval afro-brasileiro), saúdam os orixás do culto jeje-nagô ou fazem elogio, quase sempre hiperbólico, da negritude e da beleza negra.⁵

É através desses compositores que percebemos uma transformação nos escritores negros, esses grupos não escrevem mais da África com um desejo incontrollável de retornar o seio materno a todo custo, é compreendido que seu local é onde está, e que seu vínculo com a África é de um filho que sabe onde estar suas raízes, mas quer vencer e modificar o ambiente que se encontra. Mesmo as letras não sendo poesias, as músicas do Ilê Aiyê modifica o aprendizado e a compreensão do continente como um todo, larga-se o lado místico e passa a se falar de uma África real, com problemas e soluções, alegrias e tristezas, e de sua beleza mais do que incondicional.

O processo de criação das músicas não começa com os compositores. Primeiro a diretoria se reúne e decide o tema, em seguida é montada uma cartilha para orientação dos compositores. Essas cartilhas contêm todas as informações importantes e necessárias para que uma pessoa que nunca viajou até o local homenageado, possa escrever sobre o mesmo como se conhece. As informações são pesquisadas com todos os cuidados, para que nenhum equívoco seja cometido. Em quase todos os temas a pesquisa foi feita sem precisar ir ao local, como já afirmou o próprio Vovô: “nossas descrições são mais precisas do que quem já foi no local”. Quando a cartilha está pronta é disponibilizada para que os compositores possam estudar e compor, e as letras das músicas saem nas mesmas precisões que foram escritas nas cartilhas.

Quando as músicas já estão prontas o compositor as inscreve no Festival de Música do Ilê Aiyê, que acontece todo ano desde a criação do bloco. A um período de análises das letras, verifica-se o que foi escrito, se as informações estão corretas, de acordo com apostila, se as letras estão perto da realidade do tema escolhido, entre outras, como a melodia, que não será analisado nesse artigo.

As Escolhidas.

A primeira música para análise é a dos compositores Paulo Vaz e Cissa, Majestade África. Música campeã do Festival de Música do bloco, em 2001, do tema: África ventre fértil do mundo.

Majestade África
 Ilê, refresca a memória
 Pois ao longo da história
 O negro é antecessor.
 Pois tudo que nasceu na África
 Foi tomado de graça
 O mundo inteiro trouxe
 Cultura, reza, crença, dança
 Tempestade bonança, tudo tem seu valor.
 Seja bantu, seja do gegê ou do nagô
 O mundo inteiro colhe o que África plantou.
 Graças a deus
 Sou o que sou
 Ilê é bebida fina
 Que em canto da esquina
 O mundo inteiro provou.
 África berço da cultura, ciência, arquitetura
 Ouro refinado pó, Gênese da sociedade
 Forte ancestralidade, paciência de Jô
 Tapete persa emoldurado
 Ama de leite jorrando para toda nação
 O poço de toda bondade divinal
 Ilê Aiyê é cópia da África original
 Enciclopédia que o mundo pesquisa
 Se infiltra, analisa, pau pra toda construção
 Ninho de celebridades de escritos sagrados
 De total comunhão
 Celeiro negro de beleza
 Culto ávido de nobreza
 Nossa pedra angular
 Não adianta nosso brilho ofuscar
 Pois os joelhos se curvam
 Pra majestade passar.

Em primeira análise, percebe-se que os compositores se referem à África como um continente injustiçado e usurpado pelo resto do mundo, um lugar no qual gerou tudo que existe, e que não tem seu devido valor reconhecido, muito pelo contrário, tem tudo isso negado. Outro ponto visível é culto à beleza africana, a lembrança dos grandes reinos e suas majestades, para que seja compreendido o quanto importante e organizado era o continente. Porém é possível ver que se referem somente aos povos abaixo da África Subsaariana, os gegês, bantus, e os nagôs, não esquecendo que esses são nomes que foram dados no período do tráfico, e talvez não corresponda com a realidade no continente africano. Mas uma pergunta fica no ar, por que não falar também dos outros povos da África? O porquê dessa preferência por esses povos?

A segunda música escolhida é dos compositores Genilson Santtus e Valmir Brito, Ilê Aiyê nos cinco Continentes, primeira colocada no Festival de Música de 2005, no tema: Moçambique Vutlari.

Ilê Aiyê nos cinco Continentes

Ilha de Moçambique era a velha capital
 Escala na rota da navegação de civilizações
 Em busca do ouro no Oceano Índico Ocidental
 Iniciando ali a povoação Swahili com Árabes e Negros
 Hoje Maputo é capital mas antes ali chamava
 Baía de Lourenço Marques centro comercial
 Ali diversas transações com tantas civilizações
 A economia era administrada com influências de Portugal
 O nosso grito ecoou pelos cinco continentes
 Coragem a clamar por liberdade e igualdade
 Sempre será meu avô a riqueza desta gente negra
 Vanwana vutlari Moçambique Ilê Aiyê
 Acusaram consciência e poder com dimbê
 E as mulheres nas machambas logo em frente com catanas
 Moçambique meu eu é você sua história o mundo marcou
 Moçambique não posso esquecer a batalha que você travou
 Ver seu canto traduzido discutido em Salvador
 Pelo poder da resistência o transigente Ilê Aiyê cantou
 Rei Gangunhana teu povo negro declama.

Essa música se refere à ilha de Moçambique, primeiro lugar na região a ser explorado comercialmente, pela sua proximidade com a Índia e os países Asiáticos, local que era primeira a capital de Moçambique. Conta sua história desde seu período de reino à colônia e depois sua luta pela liberdade. Interessante é como os compositores se colocam como parte dessa luta, principalmente na passagem: “O nosso grito ecoou pelos cinco continentes...”. Com isso percebe-se como a busca pela identidade e o referencial, faz com que passem a se sentir parte do continente e seus países, de suas lutas, das suas dores e vitórias. Mas até onde essa realidade faz parte tão fortemente da nossa história?

A terceira e última música escolhida foi a dos compositores Dico e Jajai, Bahia Negra, segunda colocada no Festival de Música de 2007, no tema: Abidjan - Abuja - Harare - Dakar: Ah! Salvador se você fosse assim.

Bahia Negra

África o Ilê Aiyê vem te saudar
 Salvador o sonho de uma cidade mais igual
 Abidjan capital da Costa do Marfim
 Terra fértil beleza e riquezas minerais
 Abuja outra grande cidade africana
 Banhada por lagos e rios da Nigéria capital
 A organização fortalece a nação zimbabwana
 Modernas construções
 Tendo em Harare cidade principal
 Grande exportador
 De fumo, petróleo, algodão e cacau

Pelo oceano podemos chegar a Senegal
 Onde a arquitetura retrata
 A nobreza dos povos de lá
 A segunda Paris como é considerada
 A capital Dakar
 Politicamente negros conscientes
 De uma história que não chegou ao fim
 A luta continua, ah! Salvador se você fosse assim
 Bahia negra, Salvador meu bem querer
 Terra da felicidade falta o negro no poder.

Nesse ano o Ilê Aiyê vem para o carnaval cantando a capital de quatro países africanos, para mostrar que sua força não é só cultural, mas política também. Quando os compositores se referem a essas capitais, como prósperas e modelo de igualdade é para numa reflexão no lado de cá, compreender e entender, que o seu ponto de referência, os países africanos, estão conseguindo chegar a uma realidade mais igual. Então, o que falta para Salvador alcançar essa realidade é um negro no poder. No embalo do Ilê, os compositores clamam e entram numa discussão de poder e política, em uma cidade de maioria negra, afrodescendentes, herdeiros de africanos que estão fazendo mudanças em seus países. O difícil é saber até onde isso é utópico, e de onde vem essa garantia de total igualdade e prosperidade das capitais desses países para que possamos usa-las como exemplo?

Considerações finais.

Mesmo sendo um trabalho inicial, é possível perceber que as músicas sempre tiveram um poder de influencia e identificação muito grande no mundo, na maioria das vezes são através delas que os compositores protestam, clamam, e reverência. Com isso pode se perceber como o Ilê Aiyê reproduz a imagem da África nas suas músicas, e como a escolha dos temas não é uma escolha aleatória, ela sempre vem com uma mensagem a passar. Com essas três músicas analisadas, dar para entender como o Ilê Aiyê tenta refletir os problemas de cá, através do seu ponto referencial, que é continente africano. E mesmo não tendo na sua realidade poética, (que são as letras das músicas), um apelo mítico e irreal, fica sempre a dúvida até aonde as informações ali postas são completamente reais. Sabemos dos trilhões de imagens que se existe do continente

africano, e compreender e começar a perceber a forma de reação dessas entidades negras através do processo de construção da História da África seja através da música, da poesia, das pesquisas, é muito importante. É assim que conseguimos vê que imagem também é construída do lado de cá.

Referências.

AUGEL, Moema Parente. **A Imagem Da África Na Poesia Afro-Brasileira Contemporânea.** Afro - Ásia 19/20, 1997, 183-199.

Caderno de Educação do Ilê Aiyê. **África ventre fértil do mundo.** Projeto de extensão pedagógica, 2001.

Caderno de Educação de Ilê Aiyê. **Moçambique Vutlari.** Projeto de extensão pedagógica, 2005.

RISÉRIO, Antonio. **Carnaval Ijexá.** Ed. Corrupio. Salvador. 1981.

SILVA, Jônatas Conceição Da. **Vozes Quilombolas: uma poética brasileira.** Ed. EDUFBA: ILÊ AIYÊ, 2004.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

² Termo utilizado pelo autor Jônatas Conceição no seu livro **Vozes Quilombolas: uma poética brasileira.**

³ SILVA, Jônatas Conceição Da. *Vozes Quilombolas: uma poética brasileira.* Ed. EDUFBA: ILÊ AIYÊ, 2004.

⁴ JORNAL A TARDE: *Bloco Racista, Nota destoante.* 12 de fevereiro de 1975. Disponível em, <http://www.ileaiye.org.br/index2.htm>. Acessado em 15 de novembro de 2011.

⁵ RISÉRIO, Antonio. *Carnaval Ijexá.* Ed. Corrupio. Salvador. 1981.